

1

A nação pára. A ansiedade é grande. Todos se preparam para o direto na televisão. Os Yankees jogam contra os Los Angeles Rams

1.

No início era o futebol americano, coisa bruta mas séria.

Uma máquina colocada nas salas de famílias sensatas e inteiras, nos bares e nas montras de algumas lojas, a televisão. Nada na nação americana, dois metros de cérebro acima do território, está imune ou indiferente ao jogo decisivo em direto.

2.

Metade dos Estados Unidos da América ali está, em termos de temperamento e posição, com uma calma do catano, estritamente falando; imobilidade que só não aprofunda porque o ecrã não tem nuca — só superfície, pele que se dá a ver.

3.

Mas vejamos o que se vê em direto na TV.

Um sistema nervoso incipiente, nesse crânio oval sem tronco,
que saltita em ângulo imprevisível acima do retângulo
absolutamente americano, a bola — eis uma definição possível.
Entre pancadas de punho e lançamentos longos e violentos
que só de ver parecem suficientes para abrir ao meio,
e para sempre,
a preguiçosa clavícula do narrador,
esse sistema nervoso oval, só exterior e sem uma ideia, a bola,
ela mesma, exige a atenção quase sem intermitência
do sistema ótico, do raciocínio, mente e alma, caso ela exista,
dos cidadãos sentados, republicanos e democratas.

4.

Bloom ali está também, sim, aquele que mais tarde salvará a
nação,
mas na própria bancada, cadeiras em L largo:
bota rabo em reta posição, costas em curva para a frente,
que belo; está quase em yoga position.
Creonte, esse, com pés em batuque
de adepto feito dançarino do tornozelo para baixo.
Os dois tanto estão atentos como os mil e muitos ali ao lado.

5.

A beleza, já se sabe, não necessita de expectativa: é algo
que se aloja no presente e ali fica; por vezes ocupando
o tempo por completo como um recipiente por água
preenchido até ao topo.

Já o jogo não é apenas fenômeno estético. Ninguém fica hora
e meia, duas horas, diante de uma formosura qualquer,
mesmo que ela se mova. É necessária incerteza, expectativa,
ansiedade e, acima de tudo, uma tomada de
posição lúdica mas política: por quem a minha alegria se inclina,

eis a questão simples, mas central,
em Bloom, Creonte, e em cada um dos senhores sentados,
no estádio ou em casa;
no jogo ou na política, na morte das mortes ou na vida entusiasta.

2

As claques apoiam, os jogadores chocam, Bloom pasma-se

1.

Saias de folhos e mulheres com carrapitos, fazendo
por parecerem mais novas do que o são verdadeiramente,
saltitam, dançando com a sincronização ligeiramente imperfeita
de quem não se consegue esquecer dos espectadores
em redor.

2.

Bloom espantado, esse, esquece as meninas aos saltitos
e atenta no estranho modo como se celebra o mítico
on the road americano num campo de futebol
de uns meros cento e dez metros por cinquenta.

Porque, de facto, não há carros nem avenidas evidentes,
mas há algo de maquinaria instalada em cada jogador
de futebol americano.

Tudo parece ser semelhante a chassis de carros e para-choques.
Capacete na cabeça, por exemplo, protegendo o teto desta

maquinaria de duas pernas. Robôs, mais ágeis que o mais ágil dos humanos normais, correm e batem de lado, por vezes; outras vezes de frente, fuças contra fuças.

Mas maquinaria protetora não basta. Por vezes pernas, ossos, tíbia, perónio, até o bem protegido cóccix, tudo se pode quebrar, sem sentimento de culpa, desde que se alcance um ponto decisivo ou se evite o do inimigo.

3.

Um ponto no jogo substituiu o golpe à navalhada na desprotegida pele do oponente. Número de facadas ou murros na mouche, substituídos, em prol da saúde e das leis, por mansos números em mansa página de excel.

4.

O on the road americano é assim, ali, um concentrado de choques entre jogadores robustos — como se as curtas estradas e distâncias do campo de jogo fossem feitas apenas para os veículos humanos baterem clash contra clash entre capacetes de cores diferentes.

Ah, que belos são de perto os modernos.